

## 24) Duas ciladas contra a fecundidade do amor

Há duas ciladas contra a fecundidade do amor que Deus quer nos dar, também através do sofrimento, duas ciladas que não faltam em nossas comunidades e em cada um de nós. Uma é, especialmente, uma cilada para a vida comunitária, a outra é uma cilada, mais contra a vida de oração, contra a dimensão mística da nossa vocação. A primeira é a cilada da tirania; a segunda aquela da acédia.

Na Regra, São Bento fala duas vezes sobre o perigo da tirania. No tão bonito capítulo 27, sobre a solecitude para com os irmãos excomungados, lembra ao abade que "recebeu a cura das almas enfermas, e não a tirania sobre as sãs" (RB 27,6). E a propósito do Prior faz esta observação, que de resto, vale para a todas as tarefas: "inchados por um maligno espírito de soberba e julgando-se segundos Abades, atribuindo a sí mesmos um poder tirânico, nutrem escândalos e fazem dissenções nas comunidades." (RB 65,2)

A tirania insídica a todos. Surge quando a nossa vontade própria, o nosso projeto pessoal, os nossos gostos e sentimentos, e até mesmo nossos talentos, carismas e virtudes, chegam a nos definir e tendem a definir os outros, mais que a humilde obediência à comunhão filial e fraterna, na qual vive e reina o nosso único Senhor e Rei, Jesus Cristo.

O abade e o prior são convidados pela Regra a não ceder à tirania, mas também a não permitir aos irmãos, nenhum irmão, de se tornar escravo, de ser dominado interiormente. Não há pior escravidão que aquela que submete o nosso coração à tirania que deseja exercer. E sabemos que todo tirano se disfarça sempre de benfeitor, de "bom pai da humanidade", de benfeitor convencido de que é o único que deseja e sabe qual é o bem para os outros. "Os reis dos pagãos dominam como senhores, e os que exercem sobre eles autoridade chamam-se benfeitores. Que não seja assim entre vós; mas o que entre vós é o maior, torne-se como o último; e o que governa seja como o servo" (Lc 22,25-26), diz Jesus para contradizer severamente a ambição de dominar, que divide seus discípulos.

A autoridade de Cristo, aquela que o abade é chamado a exercer, deve sempre contrastar as tiranias, pequenas ou grandes, que destroem a comunhão fraterna e impedem à comunidade de progredir.

Em cada comunidade necessitaria ser sempre ajudados a examinar-se, para tomar consciência se através da própria atitude, idéias, projetos, palavras ou silêncios, ou simplesmente através da face que se faz, se através de tudo isto não se esteja impendendo o caminho de comunhão da comunidade. Por que isto é tirania.

O segundo ponto que me parece importante enfatizar na situação atual, é a consciência do perigo da acédia. Impressionou-me, especialmente, este ano, lendo-o ao início da Quaresma, a passagem do capítulo 48 da Regra, onde se fala da leitura quaresmal. São Bento prescreve, com especial autoridade, ("*Ante omnia sane deputentur...*") que um ou dois monges anciãos percorram o mosteiro durante

os tempos de *lectio* para ver "se não há, algum irmão tomado de acédia (*frater acediosus*), que se entrega ao ócio ou às conversas, e não está aplicado à leitura e não somente é inútil a si próprio como também distrai os outros" (RB 48,18).

Estes dois irmãos anciãos, com a sensibilidade e mentalidade que temos hoje, nos são, instintivamente, antipáticos. Não suportamos quem controla, que se faz de policial, ou pior, quem faz o "espião" na comunidade. Por isso, hoje lemos este preceito da Regra com um sorriso, como se falasse do "*Père Fouettard*" que acompanha Papai Noel... mas desde quando visito as comunidades de todo o mundo, e constato os perigos muito sofisticados de distração e dissipação, que vem dos meios de comunicação e de informação do séc. XXI, encontrei-me a ler estes versículos da Regra, com menos superficialidade. Paradoxalmente, a pós-modernidade torna novamente atual certos preceitos da Regra que acreditávamos obsoletos; de fato, estes dois irmãos anciãos, na realidade, têm o papel de "guardiões da alma" de seus irmãos, porque a acédia é uma doença da alma, um perigo da alma. Por isso entendemos que talvez esta imagem, devemos levá-la a sério, talvez não na forma, mas enquanto papel da comunidade, e devemos levá-la a sério como responsabilidade em nossas relações comunitárias.

Somos "anciãos", somos "monasticamente maduros" quando temos em nós e compartilhamos com os outros, a preocupação que nossos irmãos não caiam na acédia, ou permaneçam trancados e enterrados nesta. Quantos monges e monjas, especialmente os jovens, mas mesmo depois de 10, 20 ou mais anos no mosteiro, se sentem sozinhos na comunidade, não sabem com quem falar, e procuram em outro lugar, fora da comunidade, alguém que o escute, a amizade, a consolação! Muitas vezes, procuram falsas consolações na distração que os dissipa, e, como diz São Bento, dissipa também os outros. Os superiores e as comunidades são chamados, mais do que nunca, a assumir a "guarda" diante deste perigo, hoje acentuado pela facilidade de acesso aos meios de... distração.

Cada comunidade deveria se perguntar se é uma comunidade que preserva a alma dos irmãos, irmãs, de cada irmão ou irmã. Se são dadas as ferramentas, momentos, encontros, para exercitar e exprimir esta tutela recíproca.

Enfatizo estes dois aspectos, porque são duas ciladas graves contra a plenitude de humanidade, na comunhão fraterna e com Deus, que a Igreja e São Bento desejam promover em nós. Estas duas ciladas são, um pouco, o outro lado da moeda da vida comunitária e da vida mística, à qual, somos chamados, e mostram que estas duas dimensões, no bem e no mal, estão intimamente ligadas e interdependentes.

Toda a tirania é uma idolatria e trai um vazio de adoração do único verdadeiro Deus. E a acédia prejudica à comunhão a partir de dentro, a partir de um membro do corpo místico comunitário, onde incuba uma infecção que, mais cedo ou mais tarde, poderá se transmitir a todos.

Não podemos proteger a nossa vocação, de viver e anunciar uma plenitude de humanidade em Cristo, fechando os olhos diante destas duas ciladas.